

**IMAGENS DE UM TEMPO VIOLENTO EM MOVIMENTO: EXPANSÃO DAS
FRONTEIRAS AGRÍCOLAS NO EXTREMO SUL DA BAHIA NA DÉCADA DE
1980**

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC/X

liufernandesc@yahoo.com.br

A década de 1980 também foi marcada pelo processo de industrialização e desenvolvimento engendrado pelo Estado brasileiro para atender as demandas do capitalismo, dentro de um contexto macro da Ditadura civil-militar e do processo de redemocratização do país.

O Extremo Sul da Bahia vivenciou esse período atrelado à expansão das fronteiras agrícolas, o que implicou numa reconfiguração de seu papel no Estado da Bahia, com destaque para o acirramento da concentração fundiária, pautada em uma cartela de violências escondidas e legais.

O objetivo deste artigo é refletir sobre os moldes em que se deu esse processo de concentração fundiária no intuito de perceber como foram organizados alguns dos novos arranjos nas relações sociais, com destaque para movimentos de resistência por parte de homens e mulheres frente aos ditames do capitalismo.

Partindo-se da premissa de que o Extremo Sul da Bahia, como toda e qualquer região, é construída historicamente (ALBUQUERQUE JR.,1999), e que a respeito dela são tecidos discursos que atendem a projetos governamentais, tanto no universo macro como no micro, elegeu-se como fonte privilegiada para este estudo exemplares do Boletim da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas e do jornal Folha de Nanuque.

Esclarece-se que a Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas, fisiograficamente, na década de 1980 coincidia com a delimitação da região do Extremo Sul da Bahia. Por sua vez a Folha de Nanuque, sediada em uma cidade mineira limítrofe com cidades baianas, apresentava, de forma contumaz reportagens sobre a região aqui analisada.

A metodologia, no trato desses periódicos como fonte, segue as indicações feitas por De Luca (2011) no sentido de ter sido considerado para a análise dos periódicos os objetivos dos mesmos bem como o público ao qual se destinava. Também foram levados em conta aspectos relacionados à escolha dos títulos e textos “[...] que explicitam intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito dos projetos compartilhados pelos propugnadores” (DE LUCA, 2011, p. 2)

O aporte teórico utilizado para discutir questões relativas ao mundo rural e movimentos sociais foi, dentre outros, (MOTTA; ZARTH, 2009), (MOTTA, 2009), (GRYNSZPAN,2013), (FERNANDES, 1999), (SILVA, 1999). Foram utilizados, respectivamente, (POLANYI, 2000) e (BURSZTYN, 2008) para embasar a discussão sobre o capitalismo e as relações de clientelismo por ele engendradas. Por seu turno os estudos de (KOOPMANS, 2005), (HOOIJ,2011), e (GOMES, 2016) foram importantes para discussão acerca da realidade do Extremo Sul da Bahia.

TRANSFORMAÇÕES SOBRE A TERRA

Reis (2014) discorre sobre a prevalência de políticas de modernização, orientada pelo Estado brasileiro desde a década de 1960, política essa que ao tempo em que incitava o processo de modernização também fazia proliferar desigualdades sociais e regionais. Ainda segundo o autor este modelo manteve-se em alguns de seus aspectos essenciais, como por exemplo o incremento das desigualdades, após o fim da ditadura civil-militar.

A propagação de desigualdades indica a vivência de um processo de mudança acelerado que não deu conta, nem sequer pautou fazê-lo, de salvaguardar conquistas da comunidade impactada. Ao que parece, prevaleceu a defesa, por parte dos detentores do poder político e econômico, daquilo que Polanyi denomina “ação corrosiva de um utilitarismo cru [...]” (2000, p 51) em que não há espaço para se fazer críticas ao processo de mudanças engendradas em nome do progresso.

Em 1964, mais uma vez, as Forças Armadas brasileiras intervieram na política nacional. Dessa vez assumindo para si, através de um golpe, o papel de protagonista e de controladores dos negócios do Estado, a partir dos preceitos da Doutrina de Segurança Nacional (BORGES, 2013).

Importante frisar que o protagonismo dos militares se deu com o apoio explícito de diversos segmentos da sociedade civil, como por exemplo, banqueiros, latifundiários, grandes empresários, entre outros. O aparato militar instituído na nação a partir daquele período fará recrudescer a violência contra os defensores de projetos que não estivessem alinhados àquilo que fora estabelecido pelos militares e seus pares civis.

Podemos verificar que, na Bahia, na década de 1970 os projetos do governo estadual, em conformidade com os anseios do governo federal impactaram a vida dos camponeses à medida que buscava impor formas de dominação alicerçadas na defesa da grande produção (MOTTA; ZARTH, 2009).

(DES)CAMINHOS DA BR 101

A abertura da BR 101 no início da década de 1970, ou seja, durante o período denominado de “milagre econômico” deu-se no bojo do Plano de Integração Nacional, lançado em 1970 pelo governo Médici, que dava recursos para construção de estradas. ((GRYNSZPAN,2013)

Em matéria intitulada *As estradas do progresso* o jornal O globo datado de 03 de julho de 1974 afirma: “Com a abertura da Rodovia BR101 ao tráfego, a região sul da Bahia¹ tornou-se, ao mesmo tempo, viável em termos industriais, turísticos, pesqueiros e madeireiros.” (AS ESTRADAS..., 1974, p.17) No decorrer do texto, voltado para um público nacional, o que pressupõem que seus leitores já desfrutassem dos símbolos do progresso ali alardeado, encontra-se a seguinte afirmação:

Embora não exista um plano de desenvolvimento regional para o Sul da Bahia, atividade realizada pelas diversas secretarias do Governo Estadual de 1971 em diante, deixa patente que afinal as suas potencialidades foram descobertas e deverão ser aproveitadas. (AS ESTRADAS..., 1974, p.17)

Tal assertiva faz eco à fala de Antônio Carlos Magalhães, que, na condição de governador do Estado da Bahia, no ano de 1973 ao inaugurar trecho da BR 101 ligando Salvador-BA a Vitória- ES afirmou que o Extremo Sul estava sendo redescoberto (KOOPMANS, 2005). Entende-se aqui que a instalação da BR 101 e os discursos oficiais proferidos sobre

¹ Chama a atenção aqui o fato de não se fazer uso da divisão Extremo Sul da Bahia, ou seja, a reportagem trata da mesorregião do Sul Baiano como um todo

ela diz respeito a proposição de Bursztyn (2008) sobre as interações de reciprocidade entre os campos de atuação dos poderes central e local, em que

Seja por meio das agências de assistência técnica, seja pelo sistema de crédito oficial, ou pelo encorajamento de uma reestruturação da organização social da produção ou mesmo pelas obras públicas (hidráulicas ou de instalações de infra-estrutura em geral), a ação direta do Estado leva quase que invariavelmente consequências políticas e se concretiza, frequentemente, por intermédio do bloco hegemônico tradicional da região. Tal mecanismo apresenta-se como uma reprodução moderna do esquema histórico de reciprocidade de legitimação entre os poderes central e local (BURSZTYN, 2008, p. 34)

Outros símbolos do progresso e do desenvolvimento foram sendo elencados no corpo da reportagem supracitada. Assim registra-se carência de energia elétrica na região do Extremo Sul da Bahia, resultando em um “estrangulamento do setor agrícola” ao tempo em que se anuncia o fato de que, até o ano de 1973, a Coelba havia colocado cinco usinas térmicas em operação, a saber em: Eunápolis, Porto Seguro, Itamaraju, Teixeira de Freitas e Medeiros Neto; como há dizer: é preciso iluminar o caminho do progresso. Para quem? Para atender quais demandas?

Pode-se identificar pistas para responder tais questões no corpo da mesma reportagem quando esta informa sobre a atuação conjunta do Departamento de Estradas e Rodagens e o Consórcio Rodoviário Intermunicipal.

Em 1973 foram feitas 12 ligações apenas entre cidades do Extremo Sul e a BR 101, com total ênfase aquelas que se encaixam aos planos governamentais para os pólos (sic) madeireiros. (Porto Seguro – Eunápolis e Prado – Itamaraju - BR 101) ou possam obrigar à modificação das estruturas agrícolas devido ao aumento do fluxo de tráfego. [...] Por facilitarem a transferência da produção agrícola para grandes mercados consumidores, podem ser citados os trechos Ibirapuan – BR 255 (32 km), Mucuri – BR 101 (35 Km) ... (AS ESTRADAS..., 1974, p.17)

Crível pois afirmar que as estradas do progresso estavam sendo abertas e pensadas para atender demandas do mercado capitalista, incentivando a exploração de madeiras e a produção agrícola ao tempo em que disponibilizava meios de fazer escoar as mercadorias. Assim, diferente do que o jornal dissera, esse trecho do texto indica que havia sim um plano de desenvolvimento para a região.

Curioso observar que tanto na reportagem analisada quanto na fala do governador do Estado fica subtendido que o Extremo Sul da Bahia era uma área supostamente livre,

desocupada. Podemos ver aí expressa a lógica do colonizador que não leva em consideração a vida das pessoas que anteriormente viviam/vivem nos lugares (FERNANDES, 1999). Isso é claramente dito a partir da denominação dada a um tópico da reportagem: “o grande vazio”.

Segundo Hooij (2011) a região ficou esquecida até a década de 1970. Mas, aquele não era um espaço vazio. Pessoas com outros códigos de organização social e interpretação de potencialidades do uso da terra ali viviam/vivem, como por exemplo, diferentes povos indígenas, quilombolas, camponeses (GOMES, 2009). Esses sujeitos vivenciavam com a terrarelações históricas (MOTTA, 2009) e foram confrontados em seu fazer cotidiano com um modelo em que a terra é transformada em mercadoria com o intuito de manter a produção em andamento. (POLANYI, 2000)

Dessa forma, se as estradas já estavam abertas era, na lógica dos detentores do capital e de seus representantes políticos, chegada a hora de fazer valer o investimento e colocar o Extremo Sul da Bahia para produzir até “a última gota”. Não importando se isso iria implicar em um repertório de violências, tanto as explícitas quanto a violência escondida e legal (SILVA, 1999).

Deelen (1966) em seus estudos sobre a região discorreu sobre a existência de diferentes projetos no trato com a terra, com o incremento do latifúndio, na década de 1960, para atender a expansão da pecuária mineira a partir da área limítrofe entre os estados de Minas Gerais e Bahia.

É bem verdade que durante as décadas de 1960 e 1970 os governos militares criaram uma série de Institutos responsáveis pela reforma agrária, como o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, Grupo Executivo da Reforma Agrária, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária mas isso não implicou na efetiva produção de resultados que beneficiassem o trabalhador rural (GRYNSZPAN,2013). Orquestrava-se desta forma o cenário que buscava fazer ver a suposta imparcialidade das leis, no intuito de que essas fossem proclamadas legítimas (Thompson 1998). Assim esse incremento dos latifúndios afirmado por Deelen (1966) recrudescer nas décadas de 1970 e 1980.

MONOCROMIAS E RESISTÊNCIAS

Na década de 1970 o Brasil sofreu os efeitos da denominada crise do petróleo. O que implicou na busca de novas alternativas de uso de combustível. O Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA em 1973 investiu no financiamento de indústrias e usinas de açúcar (Machado, 2006) e em 1975 o governo federal estabeleceu o Proálcool que, em linhas gerais incentivou a produção e uso do álcool em substituição à gasolina.

Cruz e Santos (2010) em seus estudos sobre a cidade de Medeiros Neto afirmam que até a primeira metade da década de 1980 o município tinha sua economia voltada para produção de hortifrutigranjeiros, mandioca e pecuária. A plantação de cana voltada para produção de etanol será incorporada à economia em 1986, fruto inicialmente de uma associação de fazendeiros que contou com o apoio do Banco do Nordeste do Brasil – BNB e que para conseguir o capital necessário à efetivação do projeto acabou por se associar a Luís Carlos Borges de Queiroga Cavalcanti, empresário pernambucano que já atuava no ramo. Dessa forma instalou-se a Medeiros Neto Destilaria de Alcool S.A (MEDASA²)

Segundo dados da empresa, em 1990 ela contava com 3.283,63 hectares iniciais que se expandiram ao longo dos anos e, em 2009 essa área atingiu um total de 12.581,00 hectares. (OLIVEIRA; SANTOS, 2010)

No jornal folha de Nanuque de 23 de junho de 1979 há uma reportagem intitulada *Sobre a crise de combustível*, ali afirma-se que a “solução está no álcool”. Os argumentos para tal afirmação são assim apresentados:

Olhando o lado positivo da emergência nacional, encontra-se a possibilidade de solução de nosso problema energético em fontes renováveis e menos poluidoras, o aproveitamento da mão de obra desqualificada e semiquificada que formam o cinturão de miséria de nossas cidades e, assim, numa espécie de retorno às origens, nos oferece a possibilidade de fixar o homem ao campo com nova conotação, isto é, dando-lhe, agora, condições para pleitear uma vida digna para si e seus familiares, longe da injustiça social e da miséria.”(SOBRE A..., 1979, p. 7)

² Atualmente a empresa é denominada Usina Santa Maria Destilaria de Alcool

Aqui é importante situar o leitor a respeito desse periódico, conforme nos indica De Luca (2011) tais fontes expressam posicionamentos acerca de projetos políticos, sendo, pois, fundamental que se atente para os responsáveis pela publicação dos periódicos analisados como fontes para pesquisas.

Assim, é preciso esclarecer que o referido periódico era produzido na cidade de Nanuque-MG, limítrofe com cidades do Extremo Sul da Bahia. Foi fundado em 1962 pelo médico Raphael de Castro, tendo circulado em cidades do Extremo Sul da Bahia até a década de 1980 (GOMES, 2019). A matéria apresentada deixa ver que o folhetim é um claro entusiasta do progresso defendido pelos detentores do poder político e econômico. O presente texto, nas entrelinhas diz do processo de êxodo rural vivenciado por camponeses ao mesmo tempo que os adjetiva como sendo mão de obra desqualificada e apresenta a implantação das usinas de álcool como uma dádiva, uma redenção para aqueles, que voltariam ao campo para atuarem como trabalhadores braçais, bem ao sabor ajustado à lógica capitalista.

Ao cruzarmos as informações e posicionamentos dessa matéria com escritos de Hooij (2011) nos deparamos com dados que deixam ver o que está nas entrelinhas da defesa postulada pelo jornal. Segundo Hooij (2011) em 1979, um representante do clero local, a saber, frei Ronaldo, implantou um projeto de Agrovilas nas proximidades de Medeiros Neto, com o objetivo de dar condições aos camponeses de permanecerem no campo. Hooij diz do posicionamento da Igreja católica nos conflitos de terra existentes na região, envolvendo posseiros e escrivão da cidade de Nanuque – MG. Em um determinado momento descreve uma situação de conflito “[...] Dr Rafael expulsou com as armas de capangas 18 famílias de posseiros e pequenos proprietários, o que levou a uma reação da diocese e da Pastoral da Terra.” (HOOIJ, 2011, p. 68) Esse Dr Rafael é exatamente o fundador do jornal Folha de Nanuque.

Hooij (2011) também, ao mencionar os conflitos de terra envolvendo posseiros e escrivão, revela um traço da violência a qual aqueles estavam sujeitos e que implicava muitas vezes no fabrico de documentação, por parte de escrivães, para forjar a propriedade da terra no intuito de atender demandas de grileiros Outras fontes consultadas também tencionam aquele discurso de aclamação à implantação de usina de álcool proferido pelo folhetim

mineiro. O boletim diocesano de 22 de dezembro de 1984 traz um alerta, expresso inclusive no título da matéria:

ATENÇÃO!

O extremo Sul da Bahia é uma região de muita fartura, com clima favorável e chuvas suficientes. Pode ser o celeiro que produz toda espécie de alimentos para a população. Temos praias e rios limpos... muito peixe, onde os pescadores tiram o sustento de suas famílias e abastecem a região.

As usinas de álcool, vão acabar com tudo isso, que é a base de nossa sobrevivência. Por isso muita gente está lutando para afastar esse mal, fazendo abaixo assinados, participando de reuniões para se informar melhor. (ATENÇÃO, 1984, p.2)

No corpo do mesmo texto há uma paródia da poesia Canção de exílio de Gonçalves Dias, ali encontra-se escrito:

“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...”

Mas com a beleza da minha terra

Os grandes querem acabar

Usando a arma do Pró-álcool (sic)

Que o governo aqui quer implantar

[...]

Adeus meu pedaço de terra [...]

Vou pra cidade

Nas favelas me amontoar

Vou ser mais um bóia-fria (sic)

Na terra que um dia

Foi o meu mais querido lar

(C. T. N.) (ATENÇÃO, 1984, p.2)

É possível ver que nem todos estavam de acordo com os projetos modernizadores pensados para o Extremo Sul da Bahia. Se por um lado o poema traz consigo uma certa ingenuidade ele diz da existência de projetos diferentes para a terra. O Pró-álcool é descrito como uma arma, associado à destruição. Faz-se necessário lembrar o público ao qual o periódico se destinava. Este era constituído por integrantes da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas, e, muitos destes, provavelmente seriam melhor impactados com textos

curtos, claros e que falassem de suas experiências de vida com a terra, que, conforme estudos de Motta (2009) vai muito além de sua dimensão econômica.

Se a poesia dá como certo, em forma de lamento, a vitória dos grandes e de sua arma, o pro álcool, atentemo-nos para o fato de que ela foi apresentada em composição ao texto que conclama a população a participar de reuniões para discutir a chegada das usinas, e diz de caminhos de resistência à esse projeto, como por exemplo, a feitura de abaixo assinados. Neste mesmo boletim anunciava-se a agenda com encontros previstos para o ano seguinte. Ali estava sinalizado a ocorrência futura de encontro dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais do Extremo Sul da Bahia, encontro diocesano de trabalhadores rurais, encontro Diocesano sobre Comunidades Eclesiais de Base. Tal agenda deixa ver que as temáticas dos trabalhadores rurais eram caras à então Diocese de Teixeira de Freitas/ Caravelas.

Boletim datado de 13 de julho de 1985 nos diz, logo na primeira folha, o que indica a importância da matéria, que as pessoas se movimentaram. Dito de outra forma, os encontros realizados no decorrer do ano de 1984 deram frutos e implicaram em ações coletivas de resistência por parte da comunidade.

“GRANDE CONCENTRAÇÃO”

No dia 14 de abril realizou-se em Teixeira de Freitas, uma concentração pública contra às usinas de Álcool.

Um(a)s 2500 pessoas disseram publicamente NÃO a este projeto que muitos prejuízos vai(sic) trazer a nossa região.

Tivemos a presença solidária também de pessoas, do interior do município e das cidades vizinhas. Uma representação do Movimento em Defesa de Porto Seguro também se fez presente e apoiou a luta.

Nesta ocasião não só houve o protesto firme da população contra as usinas, como também expressaram suas sugestões do que realmente seria desenvolvimento da nossa região...

A luta continua! Você está participando!
(GRANDE..., 1985, p. 1)

A matéria diz de uma ação organizada, solidária e que contou com um número significativo de pessoas de diferentes lugares. Também se verifica no texto a ideia de continuidade no movimento da luta contra as usinas de álcool bem como a inclusão dos leitores na mesma. Obviamente nem todos os integrantes da diocese se viram representados naquele texto. Como já dito a região do Extremo Sul da Bahia vivia na

década de 1980 conflitos envolvendo diferentes projetos no uso da terra. É possível pois afirmar que integrantes da diocese se vissem representados no jornal Folha de Nanuque e nas defesas feitas por aquele periódico, e aqui analisadas.

Entre os projetos que impactaram a região pesquisada temos também a implantação da eucaliptocultura. Conforme estudos de Andrade (2000) o II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), a partir do I Plano Nacional de Papel e Celulose, impulsionou a expansão da eucaliptocultura entre 1974 e 1980. Para isso foi necessário encontrar áreas contínuas de terra para o plantio. Andrade continua apresentando dados que mostram como o governo federal tomou para si a responsabilidade de garantir a disponibilização dessas terras de forma a assegurar o sucesso do projeto.

Dados oferecidos por Leonel (2016), baseado em informações do IPEADATA e do IBGE, ambas de 2013, sinalizam que esse papel do governo, no Extremo Sul da Bahia, foi cumprido e de fato tivemos uma expansão da eucaliptocultura. O autor elabora uma tabela indicando a área, em hectares de florestas plantadas³ de eucalipto, de 1980 a 2006, nos 21 municípios que compõem o Extremo Sul da Bahia. Interessa aqui analisar os dados da somatória total. Segundo Leonel (2016, p. 41) em 1980 a área era de 30764, em 1985 havia se expandido para 54650, em 1995 totalizava 85170 e em 2006 alcançava 284601 hectares.

Em 1982, o jornal Folha de Nanuque traz uma matéria intitulada *Setor Florestal*. Nesta consta uma série de informações sobre a realização do 4º Congresso Florestal brasileiro que iria acontecer em maio daquele ano na cidade de Belo Horizonte, promovido pela Sociedade Brasileira de Silvicultura. No corpo do texto busca-se claramente valorizar o evento e mostrar seu lastro de seriedade

Tem como objetivo a reunião de técnicos das áreas governamentais, industriais e empresariais, [...] especialistas estrangeiros, cientistas, autoridades, professores, alunos, estudiosos e aficionados para discussão dos problemas relativos à pesquisa, à política e à administração no campo da Silvicultura; além disso visa obter subsídios para o aperfeiçoamento da exploração de florestas e plantios florestais; a integração dos órgãos oficiais, entidades e empresas privadas na busca de soluções viáveis para a recomposição, preservação e conservação de recursos florestais [...] e finalmente conciliar os

³ Essa é a expressão utilizada pelo autor Leonel (2016). Koopmans (2005) entre outros estudiosos da temática não aceitam o uso desse termo para se referir ao plantio da monocultura do eucalipto, posicionamento com o qual estou de acordo.

interesses conservacionistas com os de uso das florestas ou dos solos florestais, a fim de minimizar os conflitos existentes nessas áreas. (SETOR..., 1982, p. 2)

Apesar da matéria enaltecer a exploração da silvicultura a mesma explicita a existência de conflitos. Estes ganham as páginas do Boletim Diocesano de dezembro de 1989 que em matéria intitulada *Celulose, Vida ou Morte?* apresenta a preocupação com a implantação da Bahia Sul Celulose no município de Mucuri. Ao longo do texto são listadas uma série de apreensões, destaca-se aqui aquela que afirma existir um:

Total apoio e proteção do governo ao empreendimento e descaso completo por parte da empresa e deste, para com as reivindicações das comunidades envolvidas e das entidades da região. (CELULOSE..., 1989, p 02)

O texto continua denunciando o descumprimento da empresa Bahia Sul Celulose com acordos firmados com o Conselho Estatal de Proteção Ambiental. Dentre aquilo que não foi cumprido tem-se a: “proibição de compras de novas áreas, [...] plantio de eucalipto em áreas proibidas pelas leis municipais.” Também neste texto há uma informação que sugere outro mecanismo utilizado pela empresa para fazer crescer seu empreendimento, a saber:

Constatação da utilidade de métodos duvidosos da empresa para “ganhar” os políticos e a opinião pública, por exemplo, um convite à Câmara Municipal de Mucuri para se reunir fora do município. (CELULOSE..., 1989, p 02)

A matéria encerra-se manifestando repúdio à imposição do projeto, respondendo desta maneira à indagação constante em seu título.

Fernandes (1999) ao traçar histórico da luta pela terra no Brasil assevera que ela está posta desde os tempos coloniais e que os embates com os latifundiários sempre foram marcados por situações de violência e resistência. Ainda segundo o autor uma ala da Igreja Católica, constituiu, a partir da década de 1960, através das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e da Comissão pastoral da Terra - CPT, um lugar social de luta e organização de trabalhadores, do campo e da cidade, em prol de seus direitos.

No informativo de 05 de setembro de 1984 há uma reportagem que se intitula *Comunidades Eclesiais de Base*. O texto objetiva explicar aos leitores o que são as CEBs bem como dizer de sua importância. Após historicizar, de forma resumida o surgimento delas, tem-se a seguinte afirmação: “Portanto, as CEBs são a própria Igreja organizada na base popular” (COMUNIDADES, 1984, p. 02).

No informativo seguinte, datado de 15 de setembro de 84, temos referência a uma frente de luta que se dava a partir da produção de áudio visuais para tratar de temas como a Reforma Agrária. Foi exatamente no ano de 1984 que o Movimento Sem Terra – MST foi fundado no Brasil. No seu processo de expansão foram enviados militantes da região Sul do Brasil para atuar na Bahia (OLIVEIRA, 2010). O Boletim Diocesano sinaliza que houve uma acolhida por parte da igreja católica as lutas por reforma agrária e justiça social pautadas pelo referido movimento. Gomes (2016) apresenta documentos em que o bispo, Dom Felipe Broers 1963-1983, se posiciona frente aos conflitos de terra. Neste sentido, a quarta resolução de documento assinado em 11 de novembro de 1982 com as diretrizes pastorais 1983-1985 da Regional Nordeste III que englobava os Estados de Bahia e Sergipe, propõe-se a:

Dar continuidade à pastoral Rural, apoiar a COMISSÃO DA PASTORAL DA TERRA (CPT), o MOVIMENTO DE ANIMAÇÃO DOS CRISTÃOS NO MEIO RURAL – (ACR) e outros organismos de ajuda aos camponeses e, participar de seus anseios e esforços pela implantação de uma autêntica reforma agrária. (Boletim Diocesano in GOMES, 2016, p. 130)

Texto da Pastoral rural, publicado no boletim diocesano deixa ver as relações entre esta e o MST. Ali a comunidade é convidada a comemorar o primeiro ano “da ocupação da Terra pelo homem trabalhador e sua família, no projeto 4045, município de Alcobaça” (ANIVERSÁRIO..., 1988, p. 3). O texto continua afirmando que tal ocupação é fruto de muito trabalho, e desnuda sentimento de alegria com a existência do 4045.

Vamos todos juntos, povo das cidades, povoados e roças. Igrejas, sindicalistas, movimentos populares e comunidades vamos nos unir a todas as famílias, que unidas partiram para trabalhar a terra, e dela fazer surgir os alimentos das nossas vidas. (ANIVERSÁRIO..., 1988, p.3)

O 4045 foi a primeira ocupação de terra organizada pelo MST na Bahia. Deu-se em setembro de 1987 em uma área que pertencia a empresa de cultivo de eucalipto para produção de celulose, FLONIBRA (Florestas Nipônico- Brasileiras) (Oliveira, 2010). Ainda segundo Oliveira tal ocupação contou com a participação de 300 famílias, tendo sido assentadas 134.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este artigo almejou discutir elementos do recrudescimento de relações de violência associadas à dimensão da expansão de fronteiras agrícolas na região do Extremo Sul da Bahia. Ao tempo que também se propôs a tratar formas de resistência que assumem em si o protagonismo de afirmar que os ditames do capitalismo no trato com a terra não constituem um caminho inexorável.

Na década de 1980 a modernização da agricultura e a expansão das fronteiras agrícolas no Extremo Sul da Bahia para atender os interesses capitalistas produziu/intensificou uma série de conflitos envolvendo diferentes atores sociais. A ocupação do Extremo Sul da Bahia não levou em conta o modo de vida das pessoas que ocupavam aqueles espaços e o entendiam como seu lugar de vida. Eles foram expulsos, muitas vezes da terra e da própria vida. Essas violências não foram tecidas apenas pelos representantes das empresas, de cana de açúcar ou da silvicultura, tais empresas tinham/tem seus projetos alicerçados em políticas governamentais federais e estaduais que fazem inclusive uso da lei no intuito de buscar fazer ver que elas são imparciais e atuam dentro da legalidade.

A pesquisa indica a expansão do latifúndio, com a presença de usina de álcool e o incremento do Setor de Base Florestal, especificamente da cadeia produtiva da celulose e papel, ao tempo em que deixa ver o aumento das desigualdades sociais, da violência e da organização social através de sindicatos, de Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST indicando resistências frente aos ditames do projeto implantado pelo Estado brasileiro.

A análise de matérias de jornais, entendendo que a imprensa constitui-se um instrumento de elaboração de costumes, de formação de opiniões (FARIA FILHO, 2002) contribuiu para que fosse possível perceber, através da apreciação do boletim diocesano, mediações políticas ensejadas pela Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas no intuito de defender um trato com a terra que atendesse demandas de camponeses, questionando os vaticínios que indicavam que o Extremo Sul da Bahia devesse, a partir da sua ligação aos grandes centros, ser ocupado unicamente por latifúndios voltados a abastecer os mercados nacionais e internacionais. Outros projetos de vida se fazem ver nas lutas, e os camponeses continuaram no mundo contemporâneo a lutar pela terra, pelo trabalho

alicerçado na mão de obra familiar, e na condição de poli produtores para abastecer mercados locais.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, José Célio Silveira. **Conflito, cooperação e convenções**: a dimensão político-institucional das estratégias sócio-ambientais da Aracruz Celulose S. A. (1990-1999). Tese de doutorado em administração. Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e Outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

BORGES, Nilson. **A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares** in FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs) O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos** – planejamento e clientelismo no Nordeste. 3ed. Rio de Janeiro: Garamond; Fortaleza: BNB, 2008.

CRUZ, Sariza Oliveira da; SANTOS, Tânia Maria Fernandes Teixeira. **A chegada da cana de açúcar no município de Medeiros Neto na década de 1980 e seus impactos socioeconômicos**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de História do Departamento de Educação, Campus X, Teixeira de Freitas – Bahia, Universidade Estadual da Bahia, 2010.

DEELEN, G. J. **Estudos sócio-religiosos**: Diocese de Caravelas – Bahia. Rio de Janeiro: GB, 1966. v. 1, Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais.

DE LUCA, Tania Regina. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **O jornal e outras fontes para história da educação mineira do século XIX**: uma introdução. *In*: Araújo, José Carlos de Souza; Gatti Júnior, Décio (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados. p.133-150. 2002.

FERNANDES, B. Mançano. **Brasil: 500 anos de luta pela terra.** 1999. <http://www.culturavozes.com.br/revistas/0293.html>. Acesso em 12 de março de 2009.

GOMES, Liliane Maria Fernandes Cordeiro. **HELVÉCIA – homens, mulheres e eucaliptos (1980-2005).** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus V, Santo Antônio de Jesus – Bahia, 2009.

_____. **Diferentes frentes de atuação no campo social da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas no Extremo Sul da Bahia – 1962/1985.** In: Coêlho Neto, Agripino Souza; Basconzuelo, Célia; Quiroga, Maria Virgínia (Org.). **Ação coletiva e territorialidade: dinâmicas, práticas, significados e abordagens.** Salvador: EDUNEB, 2016.

GRYNSZPAN, Mário. **A questão agrária no Brasil pós – 1964 e o MST** in FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs) **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

KOOPMANS, Pe. José. **Além do eucalipto – o papel do extremo sul.** 2 ed revisada e atualizada, 2005.

LEONEL, Marcelino Serretti. **Extremo Sul da Bahia: caracterização socioeconômica e os impactos da expansão do setor de base florestal.** Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

MACHADO, Fúlvio de Barros Pinheiro. **Brasil, a doce terra.** In: **A História da Cana-de-açúcar: Da Antiguidade aos Dias Atuais.** 2006. União dos Produtores de Bioenergia – UDOP. Disponível em: <http://www.udop.com.br/geral.php?> Acesso em 26 março 2019.

MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Orgs) **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história,** vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960). São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

MOTTA, Márcia. **Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito 1795-1824.** São Paulo: Alameda, 2009.

OLIVEIRA, Maria Rosa do Carmo. **A luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra no Sul da Bahia**: A conquista do assentamento nova Ipiranga-Camacan Bahia. Seminário Cultura e política na primeira República: campanha civilista na Bahia. UESC, 2010.

POLANYI, Karl. **A grande transformação** – as origens da nossa época. Tradução de Fanny Wrabel. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, 12ª reimpressão.

REIS, Daniel Aarão (coord.) **Modernização, ditadura e democracia 1964-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

FONTES

ANIVERSÁRIO da ocupação da terra. **Informativo Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas**. Teixeira de Freitas, p 03, 1988. Disponível no ADTC, caixa 75, maço 02, Arquivo da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas.

AS ESTRADAS do progresso. **O Globo**. p. 17, 3 jul. 1974. Disponível em acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=http%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas%2Fo_gl... Acesso em 07 de abril de 2019.

ATENÇÃO! **Informativo Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas**. Teixeira de Freitas, p 02, 22 de dez. 1984. Disponível no ADTC, caixa 75, maço 02, Arquivo da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas.

CELULOSE, vida ou morte? **Informativo Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas**. Teixeira de Freitas, p 02, dez. 1989. Disponível no ADTC, caixa 75, maço 02, Arquivo da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas.

GRANDE concentração. **Informativo Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas**. Teixeira de Freitas, p 01, 13 de jul. 1985. Disponível no ADTC, caixa 75, maço 02, Arquivo da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SETOR florestal **Folha de Nanuque**, Nanuque, p 02, 23 jun. 1982 Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/maisacessados.aspx>. Acesso em 13 de março de 2019.

SOBRE A crise de combustível. **Folha de Nanuque**, Nanuque, p 07, 23 jun. 1979. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/maisacessados.aspx>. Acesso em 14 de março de 2019.